

Manhã, dia nublado e frio. Agosto anda a bater às portas, inclemente... Com vento e chuva a castigar o rosto e enregelar as mãos e os pés da gente. Contemplo a rua e penso com desgosto: a quem gosta de sol, e não somente da tarde e da manhã, também sol-posto, um dia assim só pode pôr doente. Olho o qual – tristíssimo recinto – no qual as velhas árvores amigas o vento frio sacode em suas garras. Num dia assim, nublado e frio, eu sinto uma incontinida inveja das formigas, uma piedade enorme das cigarras. Ziver Ritta, Num dia assim.

São duas da manhã. Estou com sono. Porém, a namorada está comigo, sem permitir que eu viva no abandono. Sou feliz por ter esse sonho antigo. Se eu gosto dela, não me desabono. Se numa noite acaso a dor abrigo, se eu lhe pertença e dela sou seu dono, desfruto no seu colo o amor amigo. Nunca aceita meu jeito taciturno. Quando vê aos meus olhos vir o pranto, abraça-me na mais louca paixão. Vive a aplacar o meu sofrer noturno, cantando canções tristes de acalanto, minha querida amiga... Solidão! Benayas Inácio Pereira, Minha eterna namorada.

Paradoxo? Não sei; mas saio à rua, e o sol é o mesmo velho sol do estio. Parece que é o verão que se insinua, reinstalando-se em pleno mês de frio. Ou será que é o inverno que recua, sem querer aceitar o desafio da massa de calor que se acentua, exercendo absoluto poderio?! Ombros nus e bermudas desfilando, parece praia... os homens observando a garota bonita, de corpete... E a japonesa, do seu banco alto, olha atrás... e tem quase um sobressalto, com o tamanho da fila do sorvete! Dorothy Jansson Moretti, Calor do inverno.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 08 – 2013 AGOSTO
Assinatura até 31.12.13: 04 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Te acuerdas, Julieta? Tú me mirabas. Yo casi no te veía... El Cielo nos protegía. ¡La tierra nos adoraba!... Crecimos, de repente. El divino Azul fue nuestro. Y suspendí de tu collar de virgen, lá primera estrella de aquel crepúsculo de amor. ¡Oh, qué instante, oh, que gloria! ¡Para ser Dios yo tenía: en tus ojos el infinito y en mi corazón la Eternidad!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

O lamento de um berrante, nas noites de meu sertão é o choro de um boi errante que morreu na solidão.

A. Lacerda Jr., 1109 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

O nosso Papa Francisco quer reformular a Igreja, dedicar-se ao seu aprisco. Que ele consiga o que almeja! Alfredo Barbieri

Esta estrada que caminho é muito longa e penosa tem muita curva e espinho mas tem um quê de gostosa!

Anchieta Mendes, 1108 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Gosto de falar bastante, em casa ou qualquer lugar, mas quando pego o volante desligo meu celular. Argemira F Marcondes

Dos olhos seca-se o pranto... A dor se torna esperança... Tudo pode o mago encanto do teu sorriso, criança!

Conceição A. C. de Assis, 0707 Trovaregre: Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Dando hoje, cheio de mágoa, minha aula derradeira, tenho os olhos rasos d'água de saudade da primeira... Cesidio Ambrogi

Chimarrão! Hoje eu proponho do meu amor dar-te prova: beber-te em bomba de sonho na cuia da minha trova!

Deley Canalles, 0008Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

O computador é amigo se você souber usar. Torna-se grande inimigo se bobagens pesquisar. Cláudio de Moraes

A nostalgia, me alcança, quando branda, a tarde cai, cravando-me a aguda lança, da saudade do meu pai.

Pedro Grilo, 1008 Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Veste logo a fantasia, que a festa vai começar... e a máscara da alegria jamais costuma falhar! Giva da Rocha

A moral de muita gente é como um rio profundo por cima tão transparente com tanto lodo no fundo.

Zelito Magalhães, 1306 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jibatista@unifor.br

A mensagem que mandei através do celular, foi o jeito que encontrei para o amor te declarar. Martinho Monteiro

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.08.13, enviar até 3 haicus de quigos: Cardeal, Gardênia, Vento aromal.
Até o dia 30.09.13, enviar até 3 haicus de quigos: Enchente, Rio de verão, Taturana.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAIAS DE INVERNO

Na galhada verde os botões entreabertos. Flores de camélia. Eliane Bom Boff

Logo cedinho nas ameixas amarelas pássaros em bando. Elza Valenga

Friozinho da noite a lua cheia aparece também as estrelas. Isabela Aparecida Borges

Manhã de inverno no calorzinho do sol vou para a escola. João Vitor Kaviluka

Olho da janela a chuva que não para tarde de inverno. Larissa Blen Fillus

Por entre o cedro a mistura de cores cipó de são joão. Marilena Budel

O sobe e desce no pé de ameixas amarelas bando de guris. Tereza Delong

Grémio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel



HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Nos antigos muros do velho bairro esquecido restos de ipê roxo. G Alba Christina

O frio se afasta quando um cachecol antigo protege a velhinha. J Alba Christina

Girassóis e rosas, cravos, e as cores mudando no roxo do ipê. P Alba Christina

Noite de frio garoa cai à toa. Tudo sombrio. P Alberto Siuffi

Na serra dourada, destaque do ipê-roxo. Bela visada. P Alberto Siuffi

Noite sem luar. Pia o mocho, fortemente, em busca de presas. E Amália Marie Gerda

Escapam do frio, pássaros, em revoadas – buscam primaveras... P Amália Marie Gerda

Ao sopro do vento, as flores de um ipê roxo cobrem a calçada. A Angelica Villela Santos

Luar do sertão. Quebra o silêncio da noite o pio de um mocho. D Angelica Villela Santos

De repente o frio. No quarto do hospital a criança espirra. J Elizabeth Krinski Beraldo

Paz no horizonte caminho com a lanterna. O mocho em silêncio. P Elizabeth Krinski Beraldo

Morador de rua deita sobre o papelão. Tremendo de frio. J Flávio Ferreira

Intensa nevasca ao escalar a montanha. Frio de lascar. P Flávio Ferreira

De ambos os lados, ipês roxos são destaque. Na principal rua. P Flávio Ferreira

No chão um mocho de asas abertas. P Manoel F. Menendez

Manhã de frio. Começa a nova sação. P Manoel F. Menendez

Todas desfolhadas. Copas roxas dos ipês – ladeira acima. P Manoel F. Menendez

Cheiro de naftalina no armário aberto. Chegou o frio. G Marilena Budel

No meio da noite acordo assustado. Pios do mocho. J Marilena Budel

Rede no jardim na árvore de ipê. Sombria arroxeadada. P Marilena Budel

Árvores balançam. Espalhadas pela rua, flores de ipê roxo. A Renata Paccola

Campos do Jordão. Um casal espanta o frio em frente à lareira. G Renata Paccola

Ao chegar o frio, pessoas agasalhadas enfeitam as ruas. J Renata Paccola

Horas adiantadas. Nas ruínas pia o mocho, quebrando o silêncio. A Roberto Resende Vilela

Tremendo de frio, o desvalido se enrola num monte de trapos. E Roberto Resende Vilela

Instabilidade. O vento espalha no chão flores de ipê roxo. P Roberto Resende Vilela

Frio que não passa! No pescoço cachecol, escondo o nariz. J Tereza Delong

No oco da árvore, prontas pro voo noturno... estão as corujinhas. P Tereza Delong

A C A N Ç Ã O T O L A D A M I N H A M Ã E

John Fante 1909-1983, O vinho da juventude, contos, tradução Roberto Muggiati, José Olympio Editora, 2010; atendimento direto ao leitor: mdireto@record.com.br – Gentileza de Edmilson Felipe

Minha mãe não acredita que fui preso por roubar carbureto. Tentei prová-lo e tento prová-lo, mas ela não acredita em mim. Não adianta falar nada com ela.

Foi assim que aconteceu. Eu e Dibber fomos presos no domingo, pouco depois da saída da igreja, Tínhamos sacos de papel. Fomos até os fundos da Companhia de Suprimentos dos Mineiros do Colorado. Nos escondemos no capinzal alto na via. Ninguém estava olhando e então eu joguei um tijolo através da janela dos fundos. Fez um barulho infernal, exatamente

igual ao de um tijolo quebrando a vidraça. Eu e Dibber ficamos apavorados. Mas ninguém apareceu.

Eu e Dibber subimos pelo buraco na janela. Lá estava o carbureto em grandes tambores negros. Os tambores pesavam duzentos quilos cada, por isso não podíamos fugir levando um deles. Mesmo que pudéssemos arrastar um dos tambores, teríamos de derrubar a porta. Mesmo que derrubássemos a porta, teríamos que carregar o tambor para casa e ele era muito pesado. Mesmo que carregássemos o tambor para casa, não

saberíamos escondê-lo. Mesmo que soubéssemos onde escondê-lo, teríamos carbureto demais. Então enchemos os sacos de papel.

Não ouvimos um som. Mas quando tínhamos acabado, o Sr. Krasovich veio da parte da frente da loja até a sala dos fundos. Não era alguém para nos deixar assustado. Oh, não – pelo menos não tanto assim! Era apenas o dono da loja, só isso. Ele disse:

– Um minuto, rapazes. Dibber tentou pular pela janela. O sr. Krasovich agarrou-o pelos fundilhos. Me pegou pela

gravata. Eu sempre uso gravata aos domingos, que diabo. Mas não tentei fugir.

Ele disse: – Venham comigo, rapazes. Levou-nos ao escritório da frente. Ligo o telefone. Não chamou ninguém muito importante. Oh, não – não muito importante! Só chamou os policiais, apenas isso. Desligou. Virou-se e olhou para mim e para Dibber. Achava-se durão.

Dibber disse: – Se nos deixar ir embora, sr. Krasovich,

prometemos que nunca mais vamos roubar o senhor.

O sr. Krasovich disse:

– Não rapazes. Vou mandar vocês dois para a penitenciária estadual.

Mas não consegui assustar a mim e a Dibber com aquele tipo de conversa. Eu e Dibber não somos tão bobos quanto vocês pensam.

Ficou sentado ali como se fosse o maioral. Não queríamos o seu carbureto, na verdade. Tudo o que queríamos eram dois saquinhos para estourarmos as roldas das garrafas.

Então o sr. Wagner, o tira do trânsito, apareceu com a sua motocicleta. Ai! Ai! No minuto em que o vi sabia que estava frito. Ele não é muito importante. Não conhece ninguém muito importante. Nada disso. Apenas conhece meu pai e é o que basta. O sr. Wagner e meu pai pertencem aos Elks. Depois que descobriu o que havia acontecido, o sr. Wagner disse que os policiais mandariam nós dois para a penitenciária por 15 anos.

Levou-nos até a motocicleta e obrigou-nos a sentar os dois no *sidecar*. Eu chorava um pouco, mas não muito. Dibber também chorava, de montão. Vocês também iriam chorar. O sr. Wagner pisou no arranque e a motocicleta pegou.

O sr. Krasovich gritou:

– Adeus, rapazes. É boa sorte para vocês!

É um daqueles espertalhões. Achou-se engraçado.

O sr. Wagner levou-nos através da cidade até o tribunal. As pessoas olhavam para nós. Fiquei contente por estar no fundo do *sidecar*. Ninguém me viu. Dibber estava no meu colo. Toda cidade o viu. Deve ter-se sentido humilhado e anormal.

O sr. Wagner nos levou ao porão e colocou-nos na cadeia. Não tentamos escapar ou coisa parecida. Era uma bela cadeia. Ninguém jamais escapara dela. Só uma vez, três bandidos conseguiram. O sr. Wagner subiu e telefonou para nossos pais. Perdiu que viessem imediatamente.

Enquanto eu e Dibber aguardávamos o que ia acontecer a seguir, pegamos nossos canivetes e entalhamos nossos nomes na parede. Copiamos dos outros nomes na parede. Se um dia passarem por aquela cadeia, vão ver nossos nomes. Espiemos pela janela.

Vão ver o nome de Dibber entalhado desta maneira: “Kansas City Lannon”.

Entalhei o meu assim: “Toscana Duas-Pistolas, o Garoto da Morte”.

O pai de Dibber não demorou a chegar ao tribunal. Estava zangado como poucos. Desceu as escadas berrando.

Gritou:

– Onde está ele? Onde está ele? – referindo-se a Dibber.

O sr. Wagner abriu a porta da cadeia e o sr.

Lannon entrou. Correu direto para Dibber. Debruçou Dibber no catre e ali mesmo, diante de mim e do sr. Wagner, deu a Dibber a pior surra que já vi alguém levar, exceto eu. O velho Dibber deve ter-se sentido muito passado. Quero dizer, vocês sabem como são essas coisas.

Então deixou de surrar Dibber e o levou para casa. Subiu as escadas puxando-o pela orelha. Ouvi Dibber gritando no corredor e até quando foi levado para fora do pátio e depois, quando atravessaram a rua. Foi duro para Dibber, mas ele se safou fácil.

Depois de algum tempo, meu pai desceu as escadas. Não tinha pressa alguma. O sr. Wagner abriu a porta da cadeia e meu pai entrou bem lentamente.

Disse:

–Então você é um ladrão, também, não é?

Eu disse:

– Não, papai. Não sou ladrão de propósito.

Ele disse:

– Propósito! Meu Deus, vou lhe mostrar algum propósito!

Aquele Dibber se safou fácil em relação ao que sobrou para mim. Meu pai me surrou com o seu cinto. Meu pai usa cinto porque gosta de se exibir. Quero dizer, de que adianta usar um cinto se você já está usando suspensórios? Eu chamo a isso de se exibir. Meu pai me machucou de verdade, porque, se vocês acham que pedreiros não machucam, sintam só os seus músculos. Minhas calças doíam e doíam e doíam. Quero dizer que ardiam como um fogão.

Depois que meu pai se cansou de me surrar, empurrou-me para um canto e colocou o cinto.

Disse:

– Quando chegar em casa, conte a sua mãe o que você fez, sua pequena cobra traiçoeira. E se ela não lhe der uma tremenda de uma coça, eu prometo por Deus que vou dar.

– Já deu – eu disse.

– Então, por Deus, vou dar de novo.

Sai da cadeia, subi as escadas passei pelo corredor, transpui a porta, desci a escadaria da frente e atravessei a rua. Comecei a correr. Queria chegar em casa antes do meu pai, para que minha mãe me desse minha outra surra, porque se ela não desse meu pai me daria de novo, desta vez com mais força. Seriam duas surras seguidas dele e eu preferia levar 150 milhões de surras da minha mãe a sequer metade de uma surra do meu pai.

Ha ha! Deviam ver minha mãe quando me dá uma surra. Ha ha! Deviam vê-la! Ha ha! Ela me surra como uma garotinha manicas e acha que estou morrendo de tanto apanhar. Faço caretas e gemidos e antes de dois ou três golpes ela se arrepende tanto que tem de parar e não demora é ela quem começa a chorar, não eu.

Cheguei em casa ofegante. Minha mãe estava

no quintal dando de comer às galinhas. Contei-lhe o que aconteceu. Contei-lhe toda a verdade, por Deus. Conte e contei.

Eu disse:

– Mamãe, eu roubei carbureto. Fruí preso. Me botaram na cadeia. Papai me tirou. Deu-me uma surra. Disse para a senhora me dar outra, também.

Mas ela achou que eu estava brincando. Contei-lhe e contei-lhe e contei-lhe, mas não quis acreditar em mim.

Ela disse:

– Não deve falar assim.

Eu lhe pedi para agir rápido e me surrar. Deilhe até uma bengala. Não quis pegar nela. Entramos em casa. Estava apavorado com meu pai. Ele caminha muito rápido. Sabia que estava chegando.

Mas tudo o que minha mãe fazia era ficar sentada e dizer:

–Não deve falar assim.

Então pensei numa boa maneira de provar para ela. Telefonei para o sr. Krasovich. Pedi-lhe para esperar na linha um minuto. Mas minha mãe não quis falar com ele.

Ela disse:

– Desligue. Não quero falar com ele.

Eu disse:

– Por favor, mãe.

Eu disse:

– Faço o sinal da cruz, mãe.

Eu disse:

– Juro por Deus, mãe.

Eu disse:

– Que um raio divino me parta, mãe.

Então meu pai chegou em casa. Eu o ouvi raspar os sapatos na varanda da frente. Que azar o meu. Ele entrou sem tirar o chapéu.

Eu disse:

– Papai, mamãe não acredita que eu fui preso e não quer me surrar. Precisa contar a ela.

Ele disse:

– Claro que vou contar, depois. Agora entre aí. Referindo-se a mim. E referindo-se também ao quarto de dormir.

Entrei. E levei de novo. Levei uma tremenda de uma surra. A pior que levei em toda a vida, a não ser da vez que quebrei a vidraça do Alloback’s e da vez que chutei a cabeça do meu irmão e da vez que roubei a bolsa da minha mãe. Enfim, foi uma surra das mais duras. Ardia, ardia e ardia. Então meu pai me jogou na cama e foi conversar com minha mãe.

Contou tudo a minha mãe. Eu o ouvi. Contou-lhe e contou-lhe tudo. Mas ela não queria acreditar nele. Disse que eu era pequeno demais para roubar ser preso; aquilo deixou meu pai furioso.

Ele disse:

– Por Deus, você não sabe o diabo que aquele

menino é.

E meu pai está certo, porque eu sou mesmo endiabrado.

Ele saiu. Minha mãe veio ao quarto. Eu ainda chorava da surra. Tinha o direito de chorar, porque foi a pior surra que levei na vida. Minha mãe pegou o mentol e abaixou minhas calças. Ainda não acreditava em mim. O mentol parecia gelo, era frio como gelo. Enquanto ela o esfregava em mim, tentava me dizer que eu não tinha feito aquilo. Mas eu disse que tinha, com certeza.

– Ela disse:

Sei que você não fez.

Eu disse:

– Sei que fiz.

Ela disse:

– Não, você não fez.

Eu disse:

– Fiz!

Eu disse:

– Não fez. Não pode enganar sua mãe.

Eu disse:

– O diabo que não posso! Se não acredita em mim, vá lá ver na cadeia. Vá até lá e vai ver o lugar onde Dibber e eu riscamos nossos nomes na parede.

Mas ela sacudiu a cabeça, querendo dizer que ainda achava que eu a estava enganando.

Afastou-se e eu podia ouvi-la na cozinha. Estava cantando. Minha mãe sempre canta a mesma velha canção e não é uma canção das mais populares. Era a aprendi muito tempo atrás, quando ainda era um pirralho da primeira série. É *O fazendeiro no vale*.

A maneira correta de cantar *O fazendeiro no vale* é assim:

O fazendeiro no vale

O fazendeiro no vale

Ah! Oh! Fique bem,

O fazendeiro no vale.

O que já é bem ruim, mas era assim que minha mãe a estava cantando, o que fazia dela uma canção muito tola:

Oh, sei que ele não fez isso,

Sei que ele não fez isso,

Ah! Oh! Fique bem,

Sei que ele não fez isso.

Ela se referia a mim, queria dizer que eu não tinha feito aquilo, o que é uma loucura, porque eu fiz. E se ela quiser uma prova pode ir até a cadeia e ver meu nome e o de Dibber entalhados na parede.

Dibber entalhou o seu assim: “Kansas City Lannon”.

Eu entalhei o meu assim: “Toscana Duas-Pistolas, o Garoto da Morte”.

Gosto mais do meu.

A L A D R A D E F R U T I N H A S S I L V E S T R E S

Yasunari Kawabata 1899-1972, Contos da palma

Ventos sussurrando,

Soprando o outono.

Um das garotinhas da escola primária voltavam cantando para casa pelo caminho da montanha.

As folhas de charão estavam tingidas de vermelho. Apesar dos ventos outonais, as janelas dos *shoji* do segundo andar do velho e pequeno restaurante estavam escancaradas. Através delas podiam se ver da rua os ombros dos operários de obra jogando cartas calmamente.

No andar térreo, agachado na varanda, um carteiro tentava de várias maneiras, mas sem êxito, enfiar o dedão do seu pé para dentro do *tabi* de borracha rasgado. Esperava a volta da mulher, que recebera uma encomenda.

– A-hã! Então é esse o quimono.

– É, sim.

– Já estava na época de lhe mandarem um quimono forrado. Eu imaginava isso.

– Que nojo! Está com cara de quem sabe de tudo a meu respeito...

A mulher retornou vestindo o quimono novo forrado que acabara de retirar do embrulho de papel oleado. Sentou-se na varanda e

ficou alisando as marcas das dobras do quimono na altura dos joelhos.

– Pois, então, querida. Eu tenho lido todas as cartas que chegam para você e as que você manda.

– Pensa que a gente escreve verdades nas cartas? Nem parece que conhece o seu ofício!

– Eu não conto mentiras na minha profissão, como você.

– E tem, cartas para mim hoje?

– Não.

– Nem mesmo uma carta sem selo?

– Não. Já disse!

– Por que essa cara de espanto?

Você tem um bocado de dívidas comigo. Um dia, se você se tornasse ministro, secretária que, excepcionalmente, as cartas de amor não precisam de selos, mas ainda não tem uma lei assim. Você fica me escrevendo coisas melosas como balas coreanas podres. E me entrega cartas que você mesmo escreveu, dizendo: “Ei, correspondência!” Me pague as multas, já! Me dê o valor dos selos! Estou sem dinheiro para os meus gastos.

– Não fale alto!

– Me pague logo!

– Bem, já que não tem jeito... –

de mão, Gumi nusubito, 1925: tradução

Ele retirou do bolso uma moeda de prata e a atirou no soalho da varanda. Então, puxou a alça da pasta de couro, espreguçando-se ao mesmo tempo, e se levantou.

Um operário de obras, vestindo só uma camiseta, desceu quase rolando do segundo andar. Seus olhos e nariz – algo fazia suspeitar que o Deus criador os tivesse colocado enquanto cochilava, enfadado da tarefa de fabricar o ser humano – tinham uma expressão penetrante.

– Dinheiro no chão!! Mana, me empresta esses cinquenta sens!

– Claro que não!

A mulher apanhou rápido a moeda e a escondeu no meio do seu obi.

Um menino corria, girando uma argola de ouro que produzia ruídos outonais.

Uma moça, filha de um carvoeiro, vinha descendo a montanha carregando um enorme sacco de *carvão* nas costas. Como se fosse o *Momotarō*, que regressa vitorioso da batalha da Ilha dos Ogros, ela levava no ombro um imenso ramo de azambujeiro. Estava esplendidamente carregado de frutas

Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação

vermelhas, parecendo um ramo de coral com folhas verdes.

– Ela ia à casa do médico do vilarejo, que cuidava do seu pai, levando o carvão e o ramo de azambujeiro para agradecer.

– Só o carvão não é pouco? – perguntou para o pai enfermo no leito quando safa do barracão do carvoeiro.

– Diga que não temos nada além do carvão.

– Se fosse o carvão feito pelo papai... Mas este é feito por mim. Tenho vergonha. Vamos esperar até que o papai se levante e faça o carvão?

– Então pegue caquis em algum pomar.

– Está bem, vou fazer isso.

Porém, antes que pudesse pegar uns caquis, ela acabou descendo a encosta da montanha até onde havia plantações de arroz. Numa trilha que separava uma lavoura da outra, avistou um pé de azambujeiro. O vermelho vivo das frutas varreu a melancolia que enublava seu olhar por causa da ideia de roubar caquis. Segurou enorme galho, que apenas vergava sem se quebrar. Então, puxou-o e se pendurou nele com

Liberdade Ltda., www.estacaoliberalidade.com.br

ambas as mãos. O galho se quebrou e ela caiu sentada no chão.

Rindo toda contente e colocando na boca uma frutinha atrás da outra, desceu em direção ao vilarejo. A adstringência tomava a língua áspera. No caminho, encontrou umas garotinhas que vinham voltando da escola.

– Me dá!

– Me dá!

Sempre risonha, ela estendeu o ramo de coral, sem dizer nada.

Eram cinco ou seis crianças, cada uma pegou um cacho vermelho.

A moça entrou no vilarejo. Havia uma mulher na varanda do pequeno restaurante.

– Oh, que coisa bonita! É azambujeiro, não é? Onde você vai levar isso?

– Para o doutor.

– Dias atrás buscaram o doutor numa litéira montanhesa. Foi na sua casa? – perguntou ela. – Essas frutinhas são mais bonitas que balas coreanas... Me dá uma, por favor?

A moça estendeu o ramo. Ao ver que o ramo alcançou o colo da mulher, soltou-o da mão.

– Posso mesmo ficar com ele?

– Pode.

– O ramo inteiro?

– Pode.

Ela se encantara tanto com o novo quimono de *meisen* da mulher que foi embora encabulada em passos rápidos.

A mulher estava espantada, olhando o ramo duas vezes e meia mais largo que seu coço. Colocou uma frutinha na boca. Sua acidez e o contato frio evocavam lembranças da terra natal. Nem a mãe, que mandara o quimono forrado, morava mais lá.

Um menino corria, girando uma argola de ouro que produzia ruídos outonais.

A mulher retirou a moeda de prata do meio do obi de seu quimono, que estava coberto pelo ramo de coral, e embrulhou numa folha de papel.

Sentada com serenidade, esperava a volta da moça carvoeira.

Um das garotinhas da escola primária voltavam cantando para casa pelo caminho da montanha.

Ventos sussurrando,

Soprando o outono.

1 Varanda de madeira que se estende por todo um lado da casa, que serve também como corredor externo.